

## A SIMBOLOGIA DA ÁGUA E O SEU PAPEL NA IDENTIDADE CULTURAL LOCAL: O RIO PARAÍBA DO SUL NO CONTEXTO URBANO DE CAMPOS DOS GOYTACAZES/RJ

*Silvana Monteiro de Castro Carneiro<sup>1\*</sup>*

---

### RESUMO

CARNEIRO, S., M., C. A simbologia da água e seu papel na identidade cultural local: o Rio Paraíba do Sul no contexto urbano de Campos dos Goytacazes. **Perspectivas Online: Humanas & Sociais Aplicadas**, v.9, n.24, p.69 - 80, 2019.

Este artigo aborda a simbologia da água em um contexto urbano, adotando como estudo de caso o rio Paraíba do Sul na área central da cidade de Campos dos Goytacazes/RJ. Objetiva refletir sobre o significado deste rio em diferentes momentos da história, a sua visibilidade na paisagem cultural urbana e a sua relação com a identidade local, expressos pelas práticas sociais de sua população. Como procedimentos metodológicos, utilizou-se de pesquisas bibliográficas e documentais, registro fotográfico,

entrevistas com pessoas que vivenciam ou vivenciaram a área de estudo e visitas ao local, que possibilitaram o entendimento do significado e a descrição do fenômeno estudado. Acredita-se que este trabalho pode contribuir com a compreensão da relação homem/ambiente e estimular ações que se voltem à valorização do rio Paraíba do Sul como símbolo da cidade de Campos dos Goytacazes e à retomada da sua relevância na identidade cultural desta cidade.

**Palavras-chave:** Simbologia; Paisagem Urbana; Identidade Cultural; Rio Paraíba do Sul.

---

### ABSTRACT

This article deals with the symbology of water in an urban context, adopting as a case study the Paraíba do Sul river in the central area of the city of Campos dos Goytacazes / RJ. It aims to reflect on the meaning of this river in different moments of history, its visibility in the urban cultural landscape and its relation with the local identity, expressed by the social practices of its population. As methodological procedures, we used bibliographical and documentary research, photographic records, interviews with people who

lived or lived in the study area and visits to the site, which enabled the understanding of the meaning and description of the phenomenon studied. We believe that this work can contribute to the understanding of the man / environment relationship and stimulate actions that focus on the appreciation of the Paraíba do Sul River as a symbol of the city of Campos dos Goytacazes and the resumption of its relevance in the cultural identity of this city.

**Keywords:** Symbology; Urban landscape; Cultural Identity; Rio Paraíba do Sul.

---

<sup>1</sup>Institutos Superiores de Ensino do CENSA - ISECENSA – Laboratório de Estudos Urbanos e Ambientais- Rua Salvador Correa, 139, Centro, Campos dos Goytacazes, RJ, CEP: 28035-310, Brasil;

(\*) e-mail: [silvanacastro.arq@hotmail.com](mailto:silvanacastro.arq@hotmail.com)

Data de recebimento: 26/03/2018 Aceito para publicação: 30/04/2019

## 1. INTRODUÇÃO

Desde a antiguidade, os cursos d'água se destacam por sua relevância na constituição de cidades. Utilizados como fontes de abastecimento, irrigação e escoamento da produção agrícola, representaram importantes eixos de navegação e permitiram a conexão e relações comerciais entre diferentes localidades. Como delineadores do traçado urbano, os rios exercem grande influência na construção da paisagem cultural onde se inserem, tornando-se referências e promovendo uma relação de identidade com o cidadão (PORATH, 2004).

Nesta linha de pensamento, Costa (2006, p. 12) aponta que “compreender o rio urbano como paisagem é também dar a ele um valor ambiental e cultural [...]. É reconhecer que rio urbano e cidade são paisagens mutantes e com destinos entrelaçados”, estando, portanto, carregadas de significados, que caracterizam diferentes épocas e classes sociais e ficam gravadas nas memórias, como símbolos.

Os símbolos têm grande importância na vida e na cultura de um lugar, expressando, assim, a sua identidade. Alguns podem ser reconhecidos por todos, outros apenas por um grupo que os identifica, atrelando a eles sentido e valores. Imagens, bandeiras de países, estados ou cidades, um local, uma música, podem constituir símbolos. Silva (2011, p.58) evidencia a simbologia dos componentes de um espaço, apontando que as cidades crescem “em torno de elementos simbólicos (exemplo de um castelo, uma igreja), que ‘entram’ na morfologia urbana e atribuem uma imagem a um território bem como influenciam no planejamento urbanístico”. Para a autora, “é com base neste crescimento que os territórios ganharam e ganham uma estrutura, uma imagem e uma identidade”.

Considerando que as cidades são espaços dinâmicos, em constante transformação, o entendimento da sua representatividade demanda um estudo sobre as alterações que se deram ao longo dos tempos, relativos ao cenário físico e aos seus usos e significados. Como aponta Escarlate (2006, p. 36), “[...] a paisagem é um espaço de convívio. É o lugar de possibilidades e impossibilidades, encontros e desencontros. É neste espaço que nossa vida flui, do nascer ao morrer e na memória ficam as imagens”. A presença de um curso d'água em um território influencia fortemente no modo de vida das pessoas que o habitam.

No Brasil, as transformações econômicas, sociais e ambientais que as cidades vivenciaram, especialmente a partir da Revolução Industrial, ao serem ocupadas de modo crescente e desordenado, ocasionaram grandes impactos aos cursos d'água, que passaram a ser alvo de poluição e desmatamento de suas matas ciliares e tiveram suas margens ocupadas irregularmente por habitações e obras de engenharia interferindo em seus leitos, não considerando a necessidade de sua conservação. Também a substituição do transporte fluvial pelo ferroviário e rodoviário, contribuiu para a redução do uso dos cursos d'água. Os rios têm sido tratados com descaso pelos habitantes e gestores públicos e as suas margens têm se tornado espaços urbanos degradados (CARNEIRO, 2015).

Em Campos dos Goytacazes, o tratamento atual dado ao rio Paraíba do Sul não difere da maioria das cidades brasileiras. Tendo exercido um papel fundamental no desenvolvimento socioeconômico desta cidade, foi usado também para a prática de esportes e lazer, como natação, remo e pescaria. A sua orla direita se constituiu como um belo espaço, ocupado por casarões da aristocracia açucareira e áreas destinadas ao passeio público e a contemplação da vida. No entanto, hoje se percebe um descaso à presença deste curso d'água, muitas vezes visto apenas como um limite entre o Centro e Guarus, bairro situado à sua margem esquerda, sendo considerado por muitos como um entrave ao deslocamento ou como ameaça à população pelas inundações que provoca nos períodos de cheias, deixando de ser um atrativo na paisagem. Contudo, este rio está imbuído de aspectos relevantes relacionados à memória da formação e da cultura da cidade.

Neste cenário, este artigo dá continuidade à pesquisa realizada pela autora no mestrado em Planejamento Regional e Gestão de Cidades, cursado na Universidade Cândido Mendes, onde estudou-se a relação do rio Paraíba do Sul com a cidade de Campos dos Goytacazes e seus habitantes, em diferentes momentos da sua história. Objetivou-se dar um enfoque ao aspecto simbólico deste rio para Campos, observando as transformações referentes à sua visibilidade na paisagem cultural urbana e a sua relação com a

identidade local. A análise compreende o trecho urbano delimitado pelas pontes Saturnino de Brito (Ponte da Lapa) e General Dutra.

Percebendo a necessidade de se retomar o rio Paraíba do Sul e suas margens como relevantes na paisagem cultural e nas práticas sociais, essa pesquisa busca contribuir com o reconhecimento do seu grande significado como símbolo da existência urbana de Campos dos Goytacazes.

## 2. METODOLOGIA

Como procedimentos metodológicos, utilizou-se de pesquisas bibliográficas e documentais, que embasaram a parte teórica da pesquisa. Neste sentido, autores como Argan (2005), Chevalier e Gheerbrant (1998), Silva (1998), Corrêa (1995), Bourdieu (2002), entre outros, contribuíram para o entendimento da formação das cidades ao longo da história, dos conceitos de simbologia, dos significados diversos do elemento água e das diferentes dimensões das paisagens e espaços urbanos.

Uma segunda abordagem se constituiu de pesquisas de campo. Entendendo a cidade como resultante dos grupos sociais que a compõem e com ela criam vínculos, adotou-se como estudo de caso o rio Paraíba do Sul em Campos dos Goytacazes, na área central. Para o conhecimento das transformações que se deram ao longo dos anos, recorreu-se a autores como Pinto (2006) e Rodrigues (1988). Também foram coletadas fotografias antigas no Arquivo Público Municipal, que permitiram a comparação com a atualidade, e procedeu-se registro fotográfico e visitas ao local, que possibilitaram a observação dos usos e comportamentos e a descrição do objeto de estudo.

Com o intuito de compreender o seu significado para os diferentes habitantes, foram realizadas entrevistas a pessoas que vivenciam ou vivenciaram a área de estudo, seguindo a teoria de Lynch (1997), que entende a legitimidade de um lugar a partir de lembranças e experiências vividas. Desta forma, foram entrevistadas 80 pessoas, no período de março a junho de 2015, englobando as que atualmente utilizam a área habitualmente e alguns frequentadores eventuais do espaço. Incluímos também a população flutuante, composta de estudantes e profissionais que moram em Campos dos Goytacazes, mas nunca tiveram uma relação de proximidade com o rio Paraíba do Sul. As perguntas buscavam a percepção do entrevistado para a presença do rio, o seu grau de satisfação com a infraestrutura atual das suas margens, a indicação de pontos positivos e negativos, dentre outras questões.

## 3. A SIMBOLOGIA DA ÁGUA

No Dicionário de Símbolos, Chevalier e Gheerbrant (1998) conceituam simbologia como uma ciência que trata das relações e interpretações relativas a um símbolo. Ao se referirem ao significado simbólico das águas, os autores expõem: "As águas, massa indiferenciada, representando a infinidade dos possíveis, contêm todo o virtual, todo o informal, o germe dos germes, todas as promessas de desenvolvimento" (CHEVALIER e GHEERBRANT, 1998, p. 15).

Foi nesta perspectiva que, ao se constituírem, as cidades tiveram os rios como elementos determinantes, que naturalmente se tornaram importantes atores na formação de paisagens urbanas e culturais, por tudo que podiam oferecer.

A água simboliza purificação e, em muitas religiões, é usada para benzer, para curar e purificar, eliminando todo o mal e representando vida nova, a exemplo dos ensinamentos da Bíblia Sagrada. De acordo com Silva (1998, p.22), "o Céu e a Terra (Gaia) eram símbolos masculino e feminino que, através da fertilização das águas, produziam a vida".

Silva destaca que "na Antiguidade, a água [...] por ser um dos elementos vitais para todas as sociedades, era revestida por um vasto conteúdo simbólico, demonstrando a sua importância na organização das primeiras civilizações situadas nas bacias de grandes rios e nas costas mediterrâneas". O autor acrescenta ainda que a água sempre foi "motivo de veneração em diferentes culturas antigas" (SILVA, 1998, p.19).

Os rios são também fonte de inspiração a muitos artistas – pintores, músicos e poetas, que retratam em suas obras a relação das águas com as sociedades e lugares por onde passam, de acordo com a sua percepção e paixão. Um exemplo é a tela “A fonte da juventude”, onde o artista alemão Lucas Cranach, o Velho, insere na paisagem uma fonte para onde são levadas mulheres idosas que, após se banharem nas suas águas, rejuvenescem e são abraçadas por galanteadores. Neste contexto, a água representa fonte de vida e renovação, além de estímulo a sensualidade.

Em contraponto, a água pode simbolizar também ameaça ou destruição, por sua força em tempos de cheias e transbordamentos, por exemplo. O Antigo Testamento apresenta o dilúvio, que atingiu a Arca de Noé, causando mortes.

No que concerne à arquitetura da cidade, a presença da água traz uma grande influência ao espaço. Na visão do arquiteto e urbanista Jaime Lerner, “o rio é que aproxima o cidadão de sua cidade”, o que o leva a opinar que todo cidadão deveria adotar um curso d’água, por representar “uma referência fundamental do retrato de família que é uma cidade.” Ele destaca a qualidade de vida que um rio pode proporcionar e lamenta o fato de as cidades estarem escondendo-o ou dando as costas para eles, “como se fossem entidades indesejáveis” (UM RIO, 2014, p.81).

Esta consciência nos remete à importância dos elementos que constituem uma paisagem e das relações que se estabelecem em um espaço urbano, que conduzem ao entendimento do uso atual do termo paisagem cultural urbana apresentado por Cosgrove e Jackson (2000, p.25), a partir da definição de que “cultura é o meio pelo qual as pessoas transformam o fenômeno cotidiano do mundo material num mundo de símbolos significativos, ao qual dão sentidos e atrelam valores”.

Nesta linha de pensamento, Corrêa (1995) destaca que o espaço urbano adquire diferentes dimensões e formas, sendo um reflexo da sociedade, por representar valores e significados especiais e distintos para os que o vivenciam. O espaço é carregado de emotividade, “um conjunto de símbolos e campo de lutas” (CORRÊA, 1989, p.9), onde se dão relações sociais, o que permite que lugares comuns se transformem em locais especiais, que guardam lembranças que ficarão arquivadas na memória de quem por ali passou.

Complementando essa visão, Bourdieu (2002) entende que a leitura de uma paisagem pode ser feita a partir dos elementos nela inseridos, que retratam um determinado tempo e grupos sociais que a constituíram, o que os torna, naturalmente, representações simbólicas. Neste sentido, o autor reafirma que a produção da paisagem está relacionada às vivências e dinâmicas locais.

Cullen (1996) acrescenta que a paisagem resulta da relação entre os elementos naturais e o ambiente construído pelo homem, o que confirma que o seu significado está condicionado ao valor cultural dos elementos que a compõem, vistos não isoladamente, mas em conjunto. Segundo ele, “existe, sem dúvida alguma, uma arte do relacionamento”, que reúne “os elementos que concorrem para a criação de um ambiente, desde os edifícios aos anúncios e ao tráfego, passando pelas árvores, pela água, por toda a natureza, enfim, e entretecendo esses elementos de maneira a despertarem emoção ou interesse.” O autor vê a cidade como “uma ocorrência emocionante no meio-ambiente [...] um tremendo empreendimento humano” (CULLEN, 1996, p. 10). Portanto, cabe ressaltar o papel do homem, não só na constituição do território ocupado, mas como agente transformador desse espaço.

Ao se referir a água, Guimarães (2011, p. 51) destaca que ela “assume, portanto, como representação social uma multiplicidade de significados e como elemento essencial à vida, se caracteriza, principalmente nos dias de hoje, como um dos mais importantes patrimônios da humanidade”. Neste sentido, a sua preservação se apresenta como medida imprescindível à sua vitalidade. É possível identificarmos, a nível mundial, ações voltadas à recuperação de cursos d’água, pela riqueza que a sua presença representa em um contexto urbano. Sendo assim, faz-se importante também o entendimento da sua influência na formação da identidade cultural local.

### **3.1 O rio e a sua relação com a identidade cultural local**

Ao tratar da relação da cidade com o seu habitante, Argan (2005, p.228) enaltece o aspecto social na constituição de um lugar, afirmando que “a cidade – dizia Marsílio Ficino – não é feita de pedras, mas de homens”. E complementa: “Não é a dimensão de uma função, é a dimensão da existência”. As imagens ambientais desempenham papéis distintos, que são entendidas a partir da vivência e das práticas sociais do seu frequentador, refletindo a identidade local. A imagem que cada morador faz de sua cidade, ou de alguma parte dela, está impregnada de valores, lembranças e significados, como exalta o escritor e urbanista Lynch (1997). Para ele, as pessoas e as atividades que elas exercem são tão importantes quanto a estrutura física de uma cidade. O crescimento do espaço urbano se dá de forma continuada, numa sucessão de fases. Porém, os ambientes do passado têm grande relevância prática e emocional para o cidadão, como evidencia Lynch (1997, p. 134):

É bem verdade que precisamos de um ambiente que não seja simplesmente bem organizado, mas também poético e simbólico. Ele deve falar dos indivíduos e de sua complexa sociedade, de suas aspirações e suas tradições históricas, do cenário natural, dos complexos movimentos e funções do mundo urbano. Mas a clareza da estrutura e a expressividade da identidade são os primeiros passos para o desenvolvimento de símbolos fortes. Ao aparecer como um lugar admirável e bem interligado, a cidade poderia oferecer uma base para o agrupamento e a organização de tais significados e associações. Em si mesmo, esse sentido de lugar realça todas as atividades humanas que aí se desenvolvem e estimula o depósito de um traço de memória.

Reforçando as ideias de Lynch, Burke (2004) entende que as imagens não apenas refletem épocas e lugares, mas também os contextos sociais, econômicos e culturais em que foram produzidas. Aliadas a textos literários e testemunhos orais, elas constituem-se uma importante forma de evidência histórica.

Os símbolos, por sua vez, naturais ou construídos, são transmitidos às sucessivas gerações, e estas agregam novos significados a eles, de acordo com a sua representatividade ou com os seus interesses, sensibilidades e desejos. Os rios, delimitadores do traçado de inúmeras cidades, constituem-se fortes simbologias para os seus habitantes (CARNEIRO, 2015).

Cidades que se voltam para o rio, tirando proveito dele, como componente do ambiente e da cultura local, são exemplos que chamam a atenção, pela relação diferenciada da sua população com o curso d'água, que expressa um sentimento de pertencimento, resultando em melhor qualidade ambiental e, conseqüentemente, maior qualidade de vida urbana. Como afirma Spim (1995 *apud* PORATH, 2004, p. 11), “o ambiente natural de uma cidade e sua forma urbana, tomados em conjunto, compreendem um registro da interação entre os processos naturais e os propósitos humanos através do tempo. Juntos, contribuem para a identidade única de cada cidade”.

Neste sentido, faz-se importante o conhecimento das transformações que se deram no espaço urbano no decorrer do tempo, das relações sociais e dos agentes atuantes, formadores deste espaço, capazes, portanto, de identificar as suas qualidades e potencialidades. Santos (1988) relaciona a cidade a um jogo de cartas, onde os conflitos, naturais pelos objetivos distintos, devem ser enfrentados respeitando-se as diferenças e idéias. O autor entende que o território vivenciado por cada pessoa simboliza um modo de viver, dentre tantas outras possibilidades, o que representa a essência social do espaço.

Diante das abordagens apresentadas, corroborando com Silva (2011, p. 38), destaca-se a importância de “salvaguardar os elementos simbólicos que passaram a ser designados como bens patrimoniais (móvel e/ou imóvel) vinculados a um território e que permitem a afirmação, divulgação e promoção de uma identidade”. Estes componentes integram a estrutura e a morfologia urbana e influenciam no crescimento das cidades.

Portanto, a forma com que as cidades, os seus habitantes e gestores tratam os cursos d'água, que tanto os beneficiam, influencia diretamente na promoção da identidade local, capaz de construir um sentimento de pertencimento, de afinidade com o ambiente. A ação do homem sobre um bem, natural ou construído, estrutura e molda os espaços, que possuem, deste modo, uma dimensão territorial e uma dimensão social.

### 3.2 O rio Paraíba do Sul em Campos dos Goytacazes

O rio Paraíba do Sul, localizado na região sudeste do Brasil, nasce no norte do estado de São Paulo e tem a sua foz no município de São João da Barra, vizinho a Campos dos Goytacazes, totalizando 1.150 quilômetros de extensão. Por percorrer os estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, é classificado como um “rio federal” (AGEVAP, 2011, p. 17).

A cidade de Campos dos Goytacazes situa-se na região norte do estado do Rio de Janeiro. Iniciou a sua formação em uma planície fluvial, à margem direita do rio Paraíba do Sul, onde se constituíram os primeiros núcleos urbanos, e cresceu a partir da Praça São Salvador, onde se davam as relações sociais e culturais entre os seus habitantes, e do rio, delineador do seu traçado. Sobre a sua importância, Pinto (2006, p.60) comenta:

Campos é uma das mais fartas áreas brasileiras em recursos hídricos, distribuídos por área cultivada e por densidade populacional [...]. Durante mais de dois séculos, a obsessão do campista foi a de dominar as águas que cortavam ou penetravam nas propriedades. Era através dos rios e lagos que se realizava um percurso de navegação permanente, transportando-se mercadorias e pessoas.

Desta forma, o rio sempre esteve muito presente no cotidiano dos cidadãos campistas, que o utilizavam como fonte de abastecimento de água e energia, prática de esportes e lazer e principal meio de escoamento da produção, representando um importante indutor da economia local.

No entanto, os diferentes valores e usos atribuídos ao rio Paraíba do Sul ao longo do tempo exercem grande influência na paisagem urbana de Campos. Esse fato confirma a visão de Lamas (1992) de que o tempo é fundamental para a compreensão do território como objeto físico, visto que dimensões de tempos diversos compõem a paisagem da cidade, organismo dinâmico, que se transforma constantemente para adaptar-se às novas necessidades de seus usuários. A representatividade do Paraíba na imagem de Campos é evidenciada na Figura 1, que demonstra a área de estudo, delimitada pelas pontes Saturnino de Brito e General Dutra.



Figura 1: Vista aérea da área estudada  
Fonte: Alves (2015, *apud* CARNEIRO, 2015).

Até 1846, a travessia do rio Paraíba do Sul da margem direita para a esquerda, denominada Guarulhos (atualmente, Guarus) era feita em frágeis canoas ou em barcas-pêndula, que prestaram grandes serviços à população de Campos até a inauguração da ponte “Barcelos Martins”, em 1873, em estrutura metálica, que funcionou, à época, com cobrança de pedágio e facilitou a ligação de Guarus ao centro de Campos. A sua inauguração foi um acontecimento histórico na cidade. No entanto, a navegação pelo rio continuou tendo a sua importância. As rotas Campos – São João da Barra – Rio e Campos – Imbetiba – Rio

eram percorridas pelo pioneiro da navegação a vapor em Campos, denominado “Goytacaz” - um navio grande que, em 1887, fez a sua última viagem, quando naufragou causando a morte de quatorze pessoas (RODRIGUES, 1988).

Em 1897, com a inauguração da linha férrea entre Campos e São João da Barra e a ampliação da estrada de Macaé até Niterói, começou a decadência da navegação fluvial / marítima com o Rio de Janeiro, quando o escoamento do açúcar passou a se dar pela estrada de ferro. Mas o porto de São João da Barra continuou funcionando, com estaleiros que construíam barcas utilizadas no transporte marítimo entre Niterói e Rio de Janeiro (RODRIGUES, 1988).

Os moradores do interior de Campos, São João da Barra e São Fidélis, para se deslocarem, utilizavam cavalos, carros de bois ou “pranchas” (Figura 2) – que representavam o principal meio de transporte de mercadorias do Rio Paraíba do Sul, por onde escoava toda a produção da zona rural para o centro urbano, tornando-se um marco na história socioeconômica da região (RODRIGUES, 1988).

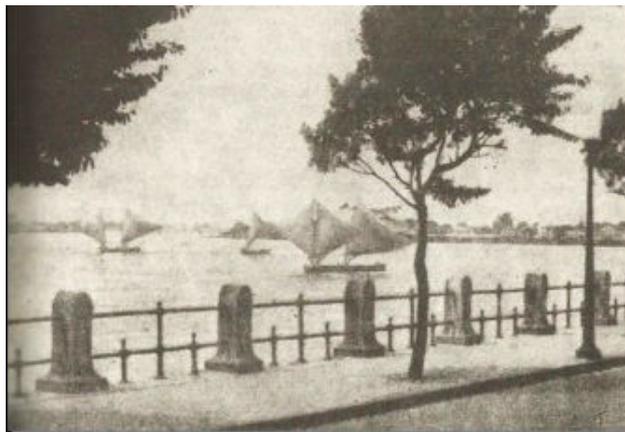


Figura 2: Antiga muralha do Paraíba, com as “pranchas” ao fundo  
Fonte: Rodrigues (1988).

A presença de pessoas vindas de outras localidades para usufruir dos serviços que a cidade oferecia reforça as relações estabelecidas via rio, contribuindo com o crescimento da economia e com o desenvolvimento do município.

No âmbito social, o rio Paraíba do Sul teve também grande importância para o campista. Em seu curso, na prática de esportes, ou em suas margens, na contemplação de suas águas, a população se reunia constantemente. Dentre as práticas sociais que se estabeleceram ao longo do rio e suas orlas, Rodrigues (1988, p.271) comenta que “até os fins da década de 1940, o Rio Paraíba era uma festa, além de sua faceta utilitária e de prestação de serviços. O centro da vida da juventude e da mocidade, [...] oferecendo o seu dorso para as entusiásticas competições do Remo”.

Também a pesca foi bastante praticada nas orlas do rio. O robalo, peixe de carne muito apreciada, foi alvo de interesse dos pescadores, que o deliciavam junto às suas famílias e amigos.

As práticas estabelecidas demonstram uma relação de pertencimento e de identidade da população que vivenciou esta época em que o rio e as suas margens eram amplamente utilizadas pelo cidadão.

No livro *O Menino e o Palacete*, Moreira (1954) descreve a sua vivência no Solar Barão de Pirapetinga, situado no centro da cidade, e demonstra a sua relação de emotividade com o rio, ao relatar: “Assim descobriu que do alto da balaustrada do terraço poderia ver o rio, de que não queria se afastar. Em suas margens nascera e vivia, ouvindo o ruído das águas passando por baixo da ponte da estrada de ferro [...]” (MOREIRA, 1954, p.26).

Nesta mesma linha de pensamento, Maia (2003) entende que o conhecimento de um lugar se dá através da experiência dos sentidos, das sensações experimentadas pelo homem, destacando que o rio

Paraíba do Sul, na cidade de Campos dos Goytacazes, de grande expressividade para a sua geração e as anteriores, perdeu o seu significado por não ser mais “sentido” pelas novas gerações, tornando-se, no século XX, um simples divisor de espaços entre diferentes grupos sociais compostos pelos habitantes da área central e pelos que ocupavam a periferia, na orla esquerda do rio, menos privilegiada.

Não havendo possibilidade de experimentar suas águas, o rio perdeu o elo afetivo com os piraquaras mais jovens que poderiam conservá-lo ou transformá-lo em cenário constante de prazer e de qualidade de vida. Tornou-se o rio da minha infância um rio do descaso, do desprezo. Passou a ser despercebido por gerações que não desfrutaram das sensações prazerosas que os banhos de rio, os jogos de vôlei, as peladas nas areias de suas margens, por ocasião das secas nos meses de julho a setembro, ofereciam-me e a todos os adolescentes e adultos, indiscriminada e democraticamente, como condiz a uma bela paisagem natural, diferentemente das belezas construídas pelos homens, quase sempre excludentes e seletivas (MAIA, 2003, p. 10).

Este depoimento reafirma a importância das relações entre o rio e o contexto sócio histórico onde está inserido, capazes de criar elos de proximidade, de afetividade e de pertencimento. Porém, tais relações, por compreenderem interesses diversos, muitas vezes são inadequadas. Situações de risco, como ocupação indevida de margens por habitações irregulares, águas transformadas em coletores de lixo e esgoto doméstico e industrial, enchentes periódicas retratam relações conflituosas entre a natureza e o uso dado a ela e geram danos ambientais muitas vezes irreversíveis.

O rio Paraíba do Sul, na cidade de Campos, muitas vezes é visto como uma ameaça, pelos transbordamentos que sofre, causando muitos problemas à população. Quando se iniciam as chuvas de verão, as águas sobem de nível, agitam-se e adquirem velocidade, deixando as populações ribeirinhas inquietas e preocupadas, como relata Pinto (2006). As enchentes sempre atingiram a cidade e, como forma de conter os seus efeitos devastadores, foram construídos diques nas margens do rio, o que não foi suficiente para conter o transbordamento de 2007, que causou grandes danos à população e ao território.

Como resultado do processo de crescimento, a paisagem e a imagem de Campos têm mudado. Atualmente, o trecho urbano estudado tem cinco pontes, sendo três destinadas a veículos automotivos, uma ferroviária e a João Barcelos Martins, reservada a pedestres e ciclistas. Ao longo das margens do rio, vem surgindo novos prédios, de grande altura, enquanto outros, de valor histórico-cultural são demolidos, atendendo ao interesse mercadológico, parecendo ficarem esquecidas, não só a importância da preservação do patrimônio edificado e da memória da cidade, mas também da paisagem e da visibilidade do rio.

No entorno da Praça São Salvador, onde se constituíram as primeiras edificações da cidade, é evidente a ausência de políticas públicas e ações voltadas à valorização e preservação do patrimônio cultural local. A substituição de antigas e representativas construções, em muitos casos por outras de maior altura que contribuem para o afastamento do contato visual com o rio, pode ser vista nas Figuras 3 e 4.



Figura 3: Prédios no entorno da Praça São Salvador – 1905 e 2008  
Fonte: Arquivo Público Municipal de Campos, 2015



Figura 4: Esquina Praça São Salvador com Av. Alberto Torres – Imagens 1916 e 2015  
Fonte: Pimentel, 2014 (*apud* CARNEIRO, 2015)

Também não se percebe uma valorização dos elementos que compõem os espaços que margeiam o rio Paraíba do Sul, em seu trecho urbano. Ao contrário, em seu trecho central a orla direita recebeu, entre os anos de 1973 e 1976, um terminal rodoviário que, além de ser agressivo à paisagem e ao ambiente onde se insere, induz o seu usuário a estar de costas para o rio, como evidencia a Figura 5. Para esses, a beira rio representa apenas um referencial de deslocamento.



Figura 5: Terminal Rodoviário Urbano  
Fonte: Acervo pessoal, 2015

É possível notar, com tristeza, a poluição das águas do Paraíba, por lançamento de efluentes e lixo, e o desmatamento das matas ciliares, capazes de proteger os cursos d'água e manter a sua qualidade.

Visitas ao local, entrevistas e conversas informais com frequentadores do espaço urbano estudado permitem perceber o quanto esse trecho da cidade está esquecido, especialmente para os jovens. Por outro lado, olhares de habitantes da cidade que vivenciaram as margens do rio demonstram forte afinidade com esta área. Essa etapa da pesquisa se mostrou de grande relevância para o entendimento de como o rio permeia o imaginário do campista ou do habitante desta cidade, bem como o seu valor simbólico para essas pessoas.

Das entrevistas feitas, destacam-se três, por representarem visões diferentes e complementares. A professora e historiadora Sylvia Paes exalta a riqueza do rio, entendendo que o campista deve ter gratidão a ele, “que nos construiu a planície, onde pudemos criar o gado – nossa primeira fonte de riqueza, nos beneficiou com o solo de massapé, próprio para o plantio da cana-de-açúcar e ainda nos permitiu enriquecer com o petróleo depositado na Bacia de Campos”. A arquiteta, urbanista e professora Margarida Mussa transmite a sua relação de proximidade com o rio, ao apontar que “o Paraíba me traz à tona sentimentos e vivências afetivas. A sua imponência quando passa por Campos, o Pontal de Atafona, o encontro do rio com

o mar. Todas essas imagens têm forte impacto sobre minha memória”. Outra interessante percepção é do fotógrafo Dib Hauaji, que habitou a região central em sua infância e teve lá, por muitos anos, o seu estabelecimento comercial. Ele destaca as relações sociais que se davam e opina que “quem não viveu a época em que o rio era festejado, perdeu. O progresso é inevitável, mas defendo o visual que eu vi e não vejo mais. Não tem mais o que fazer lá [...] Eu era pobre, mas me sentia rico ao usufruir com todos as margens do rio, porque ali todos se igualavam, todos se divertiam da mesma forma”. Para esses habitantes da cidade, o Paraíba do Sul se constitui um forte elemento simbólico. Esta visão é reafirmada pelo atual prefeito de Campos, Rafael Diniz, que à época da entrevista era vereador do município, residente em Guarus, e apontou que, para ele, o rio representa um símbolo da cidade.

Outro fator importante a ser destacado é a relevância do rio como patrimônio cultural. A Conferência das Nações Unidas para o Meio-Ambiente, realizada em 1972, aponta que “os recursos naturais, incluindo-se o ar, a água, a terra, a flora, a fauna e, especialmente, amostras representativas dos ecossistemas naturais, devem ser salvaguardados em benefício das gerações atuais e das futuras, por meio do cuidadoso planejamento ou administração, conforme o caso”.

Observa-se no Plano Diretor vigente, elaborado de forma participativa e sancionado em março de 2008, que todo o trecho estudado é considerado como Área de Especial Interesse de Recuperação e Valorização Paisagística, onde devem ser implementadas, pelo poder público, ações que se voltem à contemplação e ao uso do rio, com incentivo a atividades turísticas e de lazer, capazes de contribuir também com a visibilidade desse bem tão precioso. Neste sentido, Hough (1995 *apud* PORATH, 2004, p. 20) defende que “[...] os projetos para os rios devem reconhecer e considerar a multiplicidade de valores e significados que são atribuídos a eles e tornar estas paisagens visíveis”.

Cabe destacar ainda que a Lei de Uso e Ocupação do Solo do Município de Campos dos Goytacazes (Lei 7.974/08) indica toda a área de estudo como Setor Especial Recreativo (SER). No entanto, até a atualidade, as propostas da citada lei para a retomada das margens do rio como locais convidativos ao seu uso não foram postas em prática.

Este fato ratifica a crítica feita por Tucci (2008 *apud* CARNEIRO, 2015) à forma de planejamento que se aplica ao espaço urbano no Brasil e a sua relação com os cursos d’água. O autor chama a atenção para a ineficácia do poder público, em ações pontuais que não consideram as suas consequências, citando como exemplo a execução de infraestrutura que, muitas vezes, provoca inundações.

Esta realidade, especialmente ao tratar de um curso d’água, remete a autora deste trabalho a trecho de música composta por Caetano Veloso, que diz: “é que Narciso acha feio o que não é espelho” trazendo à tona uma indagação: Estariam os gestores públicos representando Narcisos?

Apesar de toda a representatividade e significado do rio Paraíba do Sul para a cidade de Campos dos Goytacazes, é visível o descaso cultural que ele vem sofrendo, ao longo dos anos. Além de não ser mais utilizado para navegação e a prática de esportes ocorrer atualmente de forma bastante limitada, nas suas margens não mais se dão encontros de lazer e as novas construções ao longo da sua orla direita demonstram a falta de preocupação com a preservação da paisagem urbana que deu identidade à cidade.

A partir desta pesquisa, entende-se que uma requalificação urbana que considere o rio não só como um recurso natural, mas como um componente da configuração urbana, de extremo significado e valor simbólico, é capaz de provocar a reconciliação da cidade e de seus habitantes com esse bem.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve o intuito de evidenciar a forte simbologia dos cursos d’água para o território urbano, utilizando o caso do rio Paraíba do Sul na cidade de Campos dos Goytacazes como estudo, capaz de demonstrar o quanto as transformações sociais e econômicas geradas pelo crescimento urbano têm afetado na relação de proximidade e nos vínculos entre o cidadão e o rio.

Acredita-se ter atingido o objetivo da pesquisa, no sentido de reafirmar o significado do Paraíba do Sul para Campos dos Goytacazes nos diferentes tempos, observando que a sua visibilidade na paisagem urbana está diretamente relacionada ao trato que é dado a esse patrimônio natural e às suas margens. Neste sentido, foi importante a percepção da relação de pertencimento, que em tempos passados foi tão forte e que percebeu-se estar se perdendo ao longo dos anos.

A metodologia utilizada, iniciada por revisão teórica, com leitura de outros trabalhos voltados para o tema em questão e, especificamente, à história da formação urbana de Campos, muito contribuiu para o desenvolvimento deste. Também as conversas informais, as entrevistas e as visitas ao local delimitado, com identificação dos usos atuais, aliados a registros fotográficos de tempos passados, foram relevantes no entendimento do fenômeno estudado.

Referindo-se às formas de ocupação dos centros históricos e às transformações muitas vezes indevidas nos seus imóveis, Bonduki (2010, p. 286) entende a importância de se manter os “laços de identidade entre o ambiente urbano e o tecido social”. É esta a nossa visão, aliada à inquietação referente às perdas das relações de afinidade, percebidas especialmente nos jovens cidadãos campistas, que não usufruíram do leito do Paraíba e de suas margens, por falta de atrativos que os convidem a isso.

Como apontam Costa *et al* (2002 *apud* PORATH, 2004, p. 22), “para serem apropriados de outras formas, não simplesmente como depositários de lixo e esgoto, os rios urbanos e todas as suas possibilidades de fruição devem estar visíveis para a população”. Os autores entendem que novos valores podem ser atribuídos ao rio a partir da conscientização e da percepção da sua existência, o que espaços de convivência e contemplação, que possibilitem fruição da paisagem e retomada do sentimento de identidade, são capazes de proporcionar.

Observa-se que, em meio às sobreposições físicas e sociais que se estabelecem na cidade e no seu desenho, há de se ter o cuidado de se manter e evidenciar, na sua morfologia e nas relações sociais, importantes símbolos, impregnados na memória de quem a vivenciou, mas também presentes na vida de todos os seus habitantes e frequentadores atuais. É necessária a retomada dos rios e dos espaços coletivos às suas margens como símbolos de cidades. Em Campos dos Goytacazes, entende-se o estabelecimento de políticas e ações voltadas à reabilitação do rio Paraíba do Sul e das suas margens como estratégia de recuperação da sua simbologia.

## 5. REFERÊNCIAS

- ARGAN, Giulio C. *História da Arte como História da Cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- ASSOCIAÇÃO PRÓ-GESTÃO DAS ÁGUAS DA BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO PARAÍBA DO SUL (AGEVAP). *Relatório técnico: bacia do rio Paraíba do Sul - Subsídios às ações de Melhoria da gestão*. Rio de Janeiro: AGEVAP, 2011.
- BONDUKI, Nabil. *Intervenções urbanas na recuperação de centros históricos*. Brasília, DF : Iphan / Programa Monumenta, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2002.
- BURKE, Peter. *Testemunha ocular: história e imagem*. Bauru, SP: EDUSC, 2004.
- CAMPOS DOS GOYTACAZES. *Lei número 7.972, de 31 de março de 2008*. Institui o Plano Diretor do Município de Campos dos Goytacazes. Câmara Municipal. Campos dos Goytacazes, 2008a.
- \_\_\_\_\_. *Lei número 7.974, de 31 de março de 2008*. Institui a Lei de Uso e Ocupação do Solo Urbano do Município de Campos dos Goytacazes. Campos dos Goytacazes, 2008c.
- \_\_\_\_\_. ARQUIVO PÚBLICO MUNICIPAL DE CAMPOS DOS GOYTACAZES/RJ. *Fotos antigas de Campos dos Goytacazes*. Campos dos Goytacazes, RJ: APMCG, 2015.

- CARNEIRO, Silvana Monteiro de Castro. *À margem da cidade: o rio Paraíba do Sul na paisagem urbana de Campos dos Goytacazes/RJ*. Dissertação de mestrado, UCAM, 2015.
- CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.
- CORRÊA, Roberto L. Espaço: um conceito-chave da geografia. In: CASTRO, Iná Elias, GOMES, Paulo César da Costa (org), CORRÊA, Roberto Lobato (org) *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, p. 15-47.
- \_\_\_\_\_. *O Espaço Urbano*. São Paulo: Ática, 1989.
- COSGROVE, Denis E.; JACKSON, Peter. Novos Rumos da Geografia Cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato (org); ROSENDAHL, Zeni (org.). *Geografia cultural: um Século (2)*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2000, p. 15-32.
- COSTA, Lucia M. S. A. Rios urbanos e o desenho da paisagem. In: \_\_\_\_\_ (org.). *Rios e paisagens urbanas: em cidades brasileiras*. Rio de Janeiro: PROURB, 2006, p. 9-15.
- CULLEN, Gordon. *Paisagem Urbana*. Lisboa: Edições 70, 1996.
- ESCARLATE, Cláudia de Freitas. *O Rio Cabeça: paisagem memória e convívio*. 2006. Dissertação (Mestrado em Urbanismo) – Universidade Federal Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <<http://www.prourb2.fau.ufrj.br/claudia-de-freitas-escarlata>>. Acesso em: 08 fev. 2015.
- GUIMARÃES, Elom Alano. *Parques lineares com agenciadores da paisagem: realidades e possibilidades do Rio Tubarão no contexto urbano de Tubarão, SC*. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico. Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade. Florianópolis, SC, 2011.
- LAMAS, José M. R. G. *Morfologia urbana e desenho da cidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1992.
- LYNCH, Kevin. *A Imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- MAIA, Rita M. de A. (org). *O rio da minha aldeia: memória e poesia*. Rio de Janeiro: Fotolitos: ACE, 2003.
- MOREIRA, Thiers M. *O Menino e o palacete*. Rio de Janeiro: Simões, 1954.
- PINTO, Jorge R. P. *Um pedaço de terra chamado Campos: sua geografia e seu progresso*. Campos dos Goytacazes: Fundação Jornalista Oswaldo Cruz, 2006.
- PORATH, Soraia L. *A paisagem de rios urbanos: a presença do Rio Itajaí-Açu na cidade de Blumenau/SC*. 2004. 166f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/88115>>. Acesso em: 12 fev. 2015.
- RODRIGUES, Hervé Salgado. *Na taba dos Goytacazes*. Niterói: Imprensa Oficial, 1988.
- SANTOS, Carlos Nelson F. dos. *A cidade como um jogo de cartas*. Niterói: Universidade Federal Fluminense – EDUFF, 1988.
- SILVA, Ana Maria. *Requalificação Urbana - O exemplo da intervenção Polis em Leiria*. Dissertação de Mestrado em Geografia. Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, 2011.
- SILVA, Elmo Rodrigues da. *O curso da água na história: simbologia, moralidade e gestão de recursos hídricos*. 201p. Tese (Doutorado em Saúde Pública) - Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro. 1998.
- UM RIO pra passar na minha vida. *Revista Carta Capital*. São Paulo, v.11, n. 808, p.79-82, 16 jul. 2014. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/cultura/foi-um-rio-que-passou-em-minha-vida>>. Acesso em: 12 mar. 2015.